

UM RETRATO SOCIAL: A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO EXTREMO SUL DO PAÍS

Maicon Farias Vieira¹; Cecilia Oliveira Boanova²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas – mai_con_pel@hotmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas – cecilia.boanova@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A educação popular é, atualmente, um dos temas que mais se vem discutindo nas esferas educacionais. Contudo, que educação é esta, dita popular, que está sendo difundida?

Segundo o dicionário Michaelis, em sua versão *on line*¹, popular é o que é “pertencente ou relativo ao povo”. Contudo, de que povo estamos falando? O mesmo dicionário define povo como um “conjunto de habitantes de um país, de uma região, cidade, vila ou aldeia”. Se pensarmos por este viés, o artigo 5^a da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 que diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)”², juntamente à definição do dicionário, estarão corretos. Porém, será mesmo que todos são iguais? E, a partir disso, será que todas as pessoas serão consideradas povo e, por conseguinte, populares?

Se pensarmos que existem aqueles que são os dirigentes do capital, possuintes de um maior patrimônio material, (o que poderíamos definir como classe alta) e que nem todos terão equiparadas essas condições (os pertencentes às classes média e baixa), não definiremos ambos como populares. A readequação da expressão popular estará pautada apenas nos referenciais de classes médias e baixas.

Romão (2010), nos exemplifica que a educação se trata de formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Pensando em tal afirmativa e nas concepções de “popular” descritas, podemos refletir sobre o conceito de educação popular desde Freire e Nogueira (2002, p. 19) quando diz que a educação popular se caracteriza como o esforço da mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Ademais, é preciso transformar a organização do poder burguês, para que se possa fazer escola de outro jeito.

Aliando-se à afirmativa mencionada, teremos a definição de Gadotti (2000), quanto às práticas desse tipo de educação, posto que elas:

(...) constituem-se em mecanismos de democratização, em que se refletem os valores de *solidariedade* e de *reciprocidade* e novas formas alternativas de produção e de consumo, sobretudo as práticas de educação popular comunitária, muitas delas voluntárias³. (GADOTTI, 2000, p.6)

¹ <<http://michaelis.uol.com.br/>>, acesso em 09/10/2013.

² <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucao/constituicao.htm>, acesso em 09/10/2013.

³ Grifos do autor.

Não obstante, devemos ver a educação popular também como uma eterna troca informações: educador-educando, educando-educador, educando-educando. Em outras palavras, uma interação entre as vidas e vivências dos sujeitos que dessa educação façam parte. Esta referência Brandão (2006), estabelece ao dizer que:

Como ensinar-e-aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber. Entre mundos e homens muito remotos, onde sequer emergira ainda a nossa espécie — o *homo sapiens sapiens* — este é o primeiro sentido em que é possível falar de educação e de educação popular (BRANDÃO, 2006, p.9).

Ademais, ainda que a lei diga que todas as pessoas são iguais, nem todos possuem o acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, bem como as possibilidades de participar da vida pública.

Pensando neste misto de falta de equiparidade, muitos grupos tiveram como ideal a união para minimizar tais mazelas. Durante o século XVIII, pessoas na Europa Ocidental e na América do Norte deram início à decisiva criação de um novo fenômeno político. Elas começaram a criar movimentos sociais. (TILLY; WOOD, 2008, p. 3).

“A vinculação da educação popular com o poder local e a economia popular abre, também, novas e inéditas possibilidades para a prática da educação” (GADOTTI, 2000, p.6). Entre tais práticas está a inserção de projetos que visam a preparação de pessoas à entrada em universidades, visto que o ensino público, em sua maioria, não proporciona uma preparação de qualidade para tal ascensão estudantil. Esse é o caso dos cursos pré-vestibulares organizados para preparar estudantes oriundos de classes populares e grupos sociais marginalizados para os vestibulares (NASCIMENTO, 2002).

A partir de tais informações, este trabalho visa mapear e traçar o perfil dos pré-vestibulares populares (PVP's) presentes na cidade de Pelotas e em sua região metropolitana, posto que tal grupo vem apresentando grande crescimento no segmento também nessa região do Brasil.

2. METODOLOGIA

De início, para apropriar-se da temática educação popular, será utilizada uma pesquisa qualitativa. Como principal base teórica serão utilizadas as obras de Paulo Freire, visto que este é o principal expoente na educação popular.

Em outro momento da pesquisa, será feito um mapeamento dos pré-vestibulares populares que estejam localizados na região da cidade de Pelotas e municípios periféricos. Este mapeamento servirá para que possamos construir uma unidade quanto ao número de ações afirmativas, bem como uma teia de contato e troca de experiências.

Após este mapeamento, será realizada uma pesquisa de campo junto às instituições.

Deixemos claro que Paulo Freire não inventou a educação popular: ele apenas propôs a contrariedade do que se vinha fazendo nesse ramo. Ele se colocou “na contramão do tecnicismo, do que vinha acontecendo na área de educação. Ele não admitia educação como método ou técnica neutra. Ele nega

esta neutralidade. Para ele, educação é ato político⁴. Pensando ainda na linha de uma construção de uma nova ideologia, é possível afirmar que a educação popular no Brasil também não nasce do nada:

Há uma história de Educação Popular. Não estamos começando do zero. Assim como temos uma herança de luta neste país, temos também uma herança cultural, uma verdadeira pedagogia de luta, transformação, libertação. A educação Popular se alimenta dessas lutas e desses movimentos de libertação. É sua expressão pedagógica (SIMPRO, 2003, p.32)

As obras de Freire discorrem sobre o mundo de uma educação que permeia não só o povo, mas sim toda uma consciência reflexiva. Esse feito é de grande importância quando traçamos um perfil caracterizador de um espaço de realizações de práticas populares. Freire (1967), em palestra proferida no Chile, disse em certo momento que:

A concepção problematizadora da educação, ao contrário, ao colocar o homem-mundo como problema, exige uma posição permanentemente reflexiva do educando. Esse não é mais a caixa passiva, que vai sendo preenchida, mas é um corpo consciente, desafiado e respondendo ao desafio. Diante de cada situação problemática com que se depara, sua consciência intencionada vai captando as particularidades da problemática total, que vão sendo percebidas como unidades em interação pelo ato reflexivo de sua consciência, que se vai tornando crítica (FREIRE, 1967, p.4).

Ainda sobre essa temática, em outro momento Freire (1996), nos afirma que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos capaz de ter raiva porque é capaz de amar.” (FREIRE, 1996, p.46)

O eterno elemento fomentador da educação popular são os movimentos sociais. Estes, que se tratam de ações coletivas que colocam em causa um modo de dominação social generalizada (TOURAINÉ, 2006) possuem participação da sociedade civil, sobretudo dos grupos e movimentos organizados, na formulação, implantação e acompanhamento das políticas públicas, em especial na área social (SPOSITO, 1999).

Assim sendo, a luta de classes estabelecidas a partir da união de povos em grupos sociais, trouxe entre os reflexos na educação, uma nova escolarização, proferida por aqueles que viam que a educação, até então, não conseguia promover o acesso das camadas populares aos bancos universitários. Com esse foco, nascem os pré-vestibulares populares, um movimento social focado na ascensão dos marginalizados sociais às universidades, mas ainda mais preocupado com a valorização do pensamento reflexivo e libertador. Poderíamos descrever os cursos PVP's, como iniciativas educacionais de entidades diversas, de trabalhadores em educação e de grupos comunitários, destinados a uma parcela da população que é colocada em situação de desvantagem pela situação de pobreza que lhe é imposta (NASCIMENTO, 2002).

⁴ Trecho retirado do Caderno de formação nº4 – Paulo Freire, o educador do povo, produzido pelo SIMPRO ABC (Sindicato dos professores do ABC), em 2003, p.33.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados, procura-se traçar o perfil dos PVP's. Por meio das informações, buscar-se-á perceber se as noções básicas de educação popular estão sendo (re)produzidas, se as entidades apenas se dizem populares ou se realmente pertencem a esta categoria e de que maneira, promovem a formação continuada dos seus educadores.

Este trabalho encontra-se em fase bibliográfica ainda. As atividades de campo serão o próximo ponto, contudo já há a manifestação de alguns PVP's em participar da pesquisa.

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento, podemos concluir que a atividade dos PVP's é de grande valia no cenário sócio-educacional brasileiro, fomentando a criticidade e a reflexão daqueles que dela fazem parte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDAO, C. R. . **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização**. Palestra realizada em 05-1967, em Santiago. Disponível em: <<http://drb-assessoria.com.br/7PAPELDAEDUCACAONAHUMANIZACAO.pdf>>, acesso em 29 de agosto de 2013.
- _____ e NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer – teoria e prática em Educação Popular**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.19
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais de educação**. São Paulo em perspectiva. 2000, vol.14, n.2, p.6
- NASCIMENTO, Alexandre do. Universidade e Cidadania: O movimento dos Cursos Pré-Vestibulares Populares. **Revista Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, No 17, Rio de Janeiro, 2002.
- ROMÃO, José Eustáquio. Educação. In STRECK, Danilo. REDIN, Euclides. & ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte:Autêntica. 2010. p.133
- SIMPRO ABC (Sindicato dos professores do ABC). **Caderno de formação nº4 – Paulo Freire, o educador do povo**. 2003. P.32-33.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde13/rbde13_06_marilia_pontes_sposito.pdf>, acesso em 29 de agosto de 2013.
- TILLY, Charles; WOOD, Lesley (2008). **Social Movements: 1768-2008**. Boulder: Paradigm Publishers. p.3
- TOURAINÉ, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 1, p. 13-16, jan./abr. 2006. p. 18.